

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de prosa e poesia, destacando-se *Os Poemas* (1913) e *Os Poemas de Justiniano de Serpa* (1914).

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, sob a orientação do professor doutor João de Deus, apresentada ao Conselho Nacional de Educação em 2001. A tese foi aprovada e o autor recebeu o título de doutor em Letras. Após o doutorado, o autor trabalhou em várias instituições de ensino superior, quando foi eleito presidente do conselho de administração da Universidade Federal do Ceará. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou o primeiro volume da antologia dos poetas acadêmicos, ocasião em que o autor foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO  
1996

Vence a Paz e o Direito,  
Que se iluminam de luz,  
Das cinzas do Proconceito  
Recupera novos horizontes,  
Trazendo a fim a unidade,  
Magnando a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Pátria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros.

## JÁDER DE CARVALHO

Jáder Moreira de Carvalho nasceu em Quixadá, Ceará, em 29 de dezembro de 1901 e faleceu na cidade de Fortaleza no dia 7 de agosto de 1985, aos 83 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará em 1931, foi professor de História do Colégio Estadual do Ceará e assessor jurídico do Conselho de Assistência Técnica aos Municípios. Jornalista brilhante e polêmico trabalhou no jornal *Diário do Povo* e fundou o jornal *A Esquerda*.

Poeta telúrico de grande sensibilidade, tinha uma poesia arrebatada e comovedora. Foi um dos iniciadores do movimento modernista no Ceará, em 1927, com o livro *O canto novo da raça*, publicado em conjunto com Franklin Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza. Obras poéticas: *O canto novo da raça*, 1927; *Terra de ninguém*, 1931; *Água da fonte*, 1966; *Toda a poesia*, 1973; *Alma em trova*, 1974; e *Terra bárbara*, publicada pelo Programa Editorial da Casa José de Alencar, em 1998. Foi também ensaísta e romancista de cunho social, inaugurando no Ceará o chamado “romance da classe média”, de fundo reivindicante. Além de ensaios sociológicos publicou os romances: *Classe média*, 1937; *Doutor Geraldo*, 1937; *A criança vive*, 1945; *Eu quero o sol*, 1946; *Sua majestade o juiz*, 1962; e *Aldeota*, 1963. Honrarias: recebeu a Medalha da Abolição – a mais alta condecoração do estado – em maio de 1982.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 21 de maio de 1930 por ocasião da segunda reorganização do sodalício. Ocupou a cadeira 15 (posteriormente número 14), cujo patrono é João Brígido. Pertenceu ao Instituto do Nordeste e à Sociedade Brasileira de Sociologia.

### DOBRAI, Ó SINOS DO NATAL!

*Dobrai, ó sinos do Natal!*  
*Dobrai, pedindo chuva para os campos,*  
*água para os açudes,*  
*terra molhada para o milho,*  
*vida longa para os plantadores de algodão,*  
*para o próprio algodoal, também!*

*Dobrai, ó sinos do Natal!*  
*Dobrai pelos vaqueiros,*  
*pelas vacas sobreviventes,*  
*pelas ovelhas sempre magras,*  
*pelas cabras que contemplaram o longo verão,*  
*quase triunfalmente,*  
*do alto dos ladejos faiscantes e nus!*

*Dobrai, ó sinos do Natal!*  
*Dobrai pelos sertanejos que sofrem nos caminhos do exílio,*  
*pelos que morreram de nostalgia no fundo dos seringais,*  
*pelos que apanharam café com as mãos doentes de saudade,*  
*pelos que ficaram na estrada da aventura,*  
*- estrada de terra, estrada de fome, estrada de rio –*  
*a alma cheia de sol,*  
*a alma batida pelos ventos da esperança,*  
*a alma pesada de lembranças ensolaradas.*

*Dobrai, ó sinos do Natal!*  
*Dobrai pelo poldro “Andorinha”,*  
*que morreu banhado do meu pranto*  
*- o pranto do menino nômade e cavaleiro!*  
*Dobrai pela vaca “Azeitona”,*  
*que me deu músculos do centauro,*  
*fibra do herói,*  
*sangue do mártir,*  
*espírito de libertador de terras e de homens,*  
*lágrimas sem humilhação,*  
*força para viver longe das fazendas,*  
*asas para um sonho que nasce no sertão e se mistura*  
*com o mar!*

*Dobrai, ó sinos do Natal!*  
*Dobrai pelos que me invejam,*  
*pelos que me odeiam,*  
*pelos que me amam!*  
*Dobrai pelos meus bois,*  
*pelas minhas ovelhas,*  
*pelo meu touro “Bandoleiro”,*  
*pai de bezerros inocentes e vadios como crianças.*  
*E também pelo meu açude franzino e consolador,*  
*que se esconde do sol,*  
*guardando a água para os banhos da Zefa,*  
*para a sede do gado,*  
*das avoantes, das marrecas e das jaçanãs!*  
*Sabei, ó sinos do Natal,*  
*que o meu açude olha o céu com a pupila ameaçada e pede*  
*chuva para janeiro,*  
*pois a água está fugindo: já quase não chega aos peitos da*  
*Conceição!*